



## A FORMAÇÃO DO PROFESSOR-PEDAGOGO NO PARANÁ: A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

Adreana Dulcina Platt<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo revisitaremos a memória de orientação de estágio realizada entre os anos de 2000 até os dias atuais para o exercício de formação do professor-pedagogo pelo curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina. Descreveremos como se operacionalizou a construção da realidade orientada nas atividades de estágio nas escolas públicas de Londrina e região, assim como esta mesma realidade foi problematizada.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem o propósito de relatar as experiências mais significativas da formação de professores-pedagogos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina/PR.

Mais de uma década voltada a intervenções e estudos dirigidos a este público, nos deu a oportunidade de agregar um significativo volume de conhecimentos relevantes à socialização.

Geralmente os grupos de estágio são compostos por quatro a doze graduandos. Alunos que trazem para nossos encontros a expectativa e ansiedade de verificarem na “realidade” os temas discutidos nas aulas teóricas das primeiras séries do curso, ou nas disciplinas denominadas “fundamentos da educação”.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação/UNICAMP; Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina/PR, atuando na graduação e pós-graduação. E-mail: adplatt@uel.br.

O estágio supervisionado será um “divisor de águas” de uma licenciatura. Nessa prática são expostos supervisores, unidades de ensino, o acúmulo de conhecimentos e a competência do graduando em operar com os elementos formativos. Enfim, estamos expondo o currículo universitário das licenciaturas.

Para discutir esses aspectos, privilegamos o debate que ocorrerá em meio à descrição da realidade do estágio vivido. Ponderamos que esse exercício possa proporcionar melhores apreensões conceituais ao leitor.

## **MAPEANDO AS TURMAS DE ESTÁGIO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

Objetivamente, os estagiários do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina se configuram por sujeitos que se encontram, quase em sua totalidade, nos terceiros ou quartos anos de curso. Seu estágio se subscreve objetivamente como Estágio Supervisionado em Coordenação da Educação formal e não formal<sup>2</sup>. Os alunos matriculados nesta disciplina, de formação para professores-pedagogos, serão habilitados para atuarem na área de Coordenação Pedagógica das Unidades de Ensino.

A grade de formação para a habilitação de Coordenadores pedagógicos prevê não só os fundamentos da educação, mas as práticas de ensino em educação infantil e em séries iniciais. Os estudos em Políticas Educacionais também são requeridos para a compreensão do tecido jurídico e ideológico que acolchoa a realidade legislativa-educacional, no Brasil e no mundo.

Enfim, espera-se que o estagiário do Curso de Pedagogia acumule conhecimentos das diferentes áreas de estudo reunidas segundo o perfil epistemológico construído pelos docentes (também em conformidade com a legislação do ensino superior em vigor) e, revestido deste conhecimento, tenha elementos suficientes para problematizar a realidade escolar em seu período de estágio<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Deve-se dar especial atenção para a diferença existente entre Estágio Supervisionado e Prática de Ensino.

<sup>3</sup> O conceito de estágio como “espaço para a problematização da realidade” foi construído por uma docente do curso de Pedagogia da UEL.

## **MAPEANDO O LOCAL DE ESTÁGIO: A UNIDADE DE ENSINO DA REDE PÚBLICA**

Em Londrina/PR, usualmente aplicamos o estágio em educação formal nas escolas públicas mantidas pelo Estado do Paraná.

Além de um largo reconhecimento dos profissionais da rede pública estadual pelo trabalho que desenvolvemos nestes últimos anos (lembramos que a universidade também está atrelada ao serviço público estadual), a oferta de cursos de educação básica no período noturno, por esta rede, também proporciona ao estagiário uma importante opção de turno para totalizar os créditos em seu curso. Outro fator de proximidade se dá pela existência do Colégio de Aplicação vinculado, enquanto órgão suplementar da Universidade Estadual de Londrina. Essa instituição destaca-se por ser um importante laboratório para as diversas licenciaturas oferecidas na IES.

## **MAPEANDO O PERFIL DO PROFESSOR-PEDAGOGO FORMADO PELA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR (IES)**

Não somente alunos, professores e escolas possuem expectativas sobre a formação dos professores-pedagogos, formados pela IES. A comunidade e o corpo universitário, em geral, também esperam por respostas às demandas sociais mais amplas. As promessas de formação, ainda que não sejam, em si, (nem possam ser) revolucionárias, operam no campo da formação de mentalidades que se desejam tecnicamente qualitativas, mas, acima de tudo, “críticas”. Por conhecimento crítico, entendemos a formação de uma consciência que “desnaturaliza” o mundo. A realidade imediatamente dada passa pelo crivo de uma consciência crítica e histórica, que objetivamente desvela o mundo da experiência sensível para um mundo reconhecidamente transformado pela ação, vontade e produção humana. Fernandes (1978, p. 3) assera que a realidade “não é susceptível de apreensão imediata”, para isso, dispomos dos elementos da análise crítica para apreender seus dispositivos e criar instâncias de resolução a partir do que materialmente está disponível aos sujeitos.

Esta é a perspectiva de formação, e o desafio, sempre à nossa frente.

## MAPEANDO AS ESTRATÉGIAS DE ESTÁGIO: OS PASSOS DADOS.

As aulas de Estágio Supervisionado não podem ser caracterizadas por um formato único e eminentemente “prático”.

Há alguns anos prevíamos, no próprio projeto pedagógico do Curso de Pedagogia, na disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Formal e não Formal<sup>4</sup>, um período teórico, de cunho estratégico, para operacionalizar as intervenções nas unidades de ensino. Nestes momentos, instrumentalizavam-se os alunos quanto aos diferentes aspectos do Estágio: observação direta e indireta, coleta de fontes primárias (entrevistas, questionários, etc.) e secundárias - seleção e leitura da fundamentação teórica correspondente aos dados coletados -, análise, elaboração do projeto de intervenção, a intervenção propriamente dita e o relatório/*paper* para socialização do trabalho realizado.

No primeiro momento, nos orientávamos quando as escolas possíveis ao estágio e as possibilidades dos alunos e seus horários (o reconhecimento da realidade institucional e dos sujeitos é relevante para não criar outros obstáculos às atividades de estágio, do que normalmente possa surgir); agendávamos uma reunião com os diretores e equipe pedagógica para apresentações e formalização do estágio na Unidade de Ensino. Geralmente, neste período, já dispúnhamos de um instrumento de entrevista semiestruturado com questões sobre a escola, sobre as atividades do pedagogo, dados da escola além do acesso aos documentos da escola que contassem sua história, seus princípios, e outros elementos relevantes a caracterização deste espaço e da comunidade interna e externa (fontes primárias). Esses elementos são importantes para a percepção dos alunos que as instituições possuem um lastro de atividades realizadas antes de sua presença na escola, tem uma natureza mais complexa do que supõe as observações iniciais, é digna de respeito e sempre deve ser considerada na análise dos dados coletados.

Após esta recepção inicial e a coleta de dados pela entrevista, verificávamos se as informações eram suficientes para traçar o perfil historiográfico da instituição e da comunidade interna/externa. Caso não fosse, agendávamos outra entrevista com

---

<sup>4</sup> Neste período (antes do ano 2000 até meados do ano de 2007), a área de Pedagogia – habilitação em Supervisão Educacional previa carga teórica na disciplina de seu Estágio Supervisionado.

questões mais dirigidas. Porém, o foco desse momento seria a observação direta da rotina da equipe pedagógica. A atividade do pedagogo, fartamente abordada no curso de Pedagogia, passada agora pelo fio da interpretação do aporte teórico e as informações da rotina observada.

Os estagiários deveriam acompanhar o pedagogo da Unidade de Ensino onde possível fosse. Os registros ocorriam no momento oportuno, para não embaraçar os agentes envolvidos.

Também fazia parte da formação do estagiário, a participação em momentos bastante específicos da atuação do pedagogo durante o transcurso do ano letivo, como: reuniões pedagógicas, conselho de classe, reuniões de Pais e Professores, capacitação em serviço, etc. Solicitávamos esta participação e sempre fomos muito bem recepcionados, pois os envolvidos entendiam a necessidade de reconhecimento pelo graduando, nestes espaços.

Como geralmente há muito pouco espaço destinado à comunidade externa (pesquisadores e estagiários, de modo geral) e temíamos obstaculizar a atividade pedagógica com a presença de tantos estagiários na sala da Equipe de Coordenadores educacionais, nos encontrávamos sempre na Biblioteca da unidade de ensino.

Na Biblioteca, na maioria das vezes, está disposto o Projeto Político-Pedagógico e os demais documentos que reunidos supriam as questões referentes ao movimento escolar como um todo. Dados estatísticos e legislações específicas eram observados neste documento. Havia também a possibilidade de verificar as referências teóricas utilizadas pela unidade para formar o discurso pedagógico em sua rotina. As obras destacadas, enquanto referências de estudo, denunciavam o olhar de formação perseguido pela unidade. Este aspecto também era considerado.

O movimento das famílias, dos alunos e dos professores, em amplo aspecto, também era registrado. A conduta dos sujeitos no espaço escolar era revelador quanto à organicidade destes ao projeto de escola: demonstra o quanto esses se percebiam inseridos no projeto.

Na hora da pausa (conhecido como “recreio”), os alunos e supervisor de estágio frequentavam a sala de professores. Nela temos o propósito de interagir com os docentes e, informalmente, reconhecer suas percepções do espaço. Como atuamos na maior parte

das vezes com escolas da rede estadual, os professores que transitam nesses espaços são do ensino médio. Muitos preenchem suas cargas horárias em outras várias escolas, o que exigia irmos várias vezes numa mesma semana para conhecermos, minimamente, todos os professores.

Depois de semanas com esta atividade de observação e coleta de dados, partiríamos para a construção do projeto de intervenção. Os estagiários tinham certa perspectiva das necessidades objetivas da escola, mas nosso propósito não era disseminar nossa perspectiva do que seria o “problema” a ser enfrentado, e sim, atribuir aos sujeitos que efetivamente constroem aquele espaço de formação, o reconhecimento de suas necessidades.

Nossa contribuição se operaria na capacitação dos docentes sobre algum tema que precisasse de efetiva intervenção. Apoiaríamos esta intervenção com a fundamentação de novos olhares sobre a questão.

Coletávamos os três temas que pautavam as dúvidas e interesses dos professores da escola. Eram questões que notoriamente “encharcavam” a rotina da unidade de ensino. Várias questões se apresentam, mas uma coisa é certa: determinadas questões, particulares àquele espaço e tempo, angustiam singularmente a rotina destes profissionais. A tabulação dos dados demonstrava claramente isso.

Apresentávamos aos docentes os resultados da tabulação com todas as respostas e com destaque os três temas reincidentes, na “sala de professores” da escola. Um dos cuidados da equipe de estágio foi a ciência, antecipada, dos passos que tomaríamos ao longo do período que estivéssemos na escola. Isso permitiu que nossos encontros não se operassem em “vazios” pela falta dos sujeitos envolvidos no processo. Esta ciência anterior foi fundamental para os resultados e pela confiabilidade que permitiu construir.

A questão que surgia com maior frequência pelas respostas dos professores seria o objeto tema da intervenção a ser realizada na escola.

Havia duas possibilidades para o enfrentamento nessa atividade: os alunos deveriam construir as bases de fundamentação e apresentar este estudo aos professores diretamente, ou convidar algum especialista da temática dentre o corpo de estudiosos ou acadêmicos da Universidade, ou fora dela. Temos experiências das duas possibilidades

no estágio supervisionado de Educação Formal e não Formal; ambas extremamente ricas.

Sobre este aspecto gostaríamos de tecer algumas observações. A construção da fundamentação teórica pelos estagiários de Pedagogia para o enfrentamento ao tema disposto pelos docentes é muito interessante e pertinente. O acúmulo dos conhecimentos dos anos anteriores, do curso de Pedagogia, parece “despencar do teto”, pois os alunos recorrem a estes dispositivos para fundamentarem seus argumentos. Ou seja, o conhecimento que parecia “não servir para nada prático” ganha relevância, pois será esse elemento que sustentará a base argumentativa do trabalho a ser apresentado na capacitação dos docentes da escola. Por outro lado, há imensa riqueza na presença de acadêmicos na unidade de ensino. Esta proximidade destes sujeitos com o universo de professores, antes conhecidos apenas por livros ou artigos, resgata um lastro de dignidade e necessária extensão universitária. Questões investigadas por teóricos ganham um corpo de retornos pelo exercício reiterado deste objeto na rotina escolar. Os sujeitos (no caso, os professores da escola) se percebem contemplados por estes estudos quando questionam os pesquisadores *just in time*, e acrescentam alternativas ou particularidades não observadas pelo acadêmicos.

Há um outro e relevante aspecto nesse *tempo* de capacitação: o respiro e a distância necessária para refletir sobre o objeto, causador de angústias no cotidiano pedagógico. A organicidade da escola é instrumento imprescindível para a construção de uma rotina pedagógica verdadeira. Este elemento implica na voluntária presença e intervenção dos agentes escolares para responderem pelas escolhas realizadas. Porém, como responsabilizaremos os sujeitos por aquilo que não houve tempo hábil para a crítica e tomada de decisão competente? Como inquirir a presença de quem não se sente incluído ou com sentido de pertença nesse espaço institucional? Certamente contratos de trabalho não são as armas eficazes para o convencimento dos sujeitos a participarem da responsabilidade pedagógica. Seria o contrassenso do que esperamos de um ambiente educativo.

Em mais de uma década atuando na formação de professores no ensino superior, e há quase vinte no magistério, como um todo, atestamos que o espaço de convencimento para a construção de uma organicidade pedagógica operacionaliza-se



pela capacitação dos sujeitos envolvidos na realidade estudada. Todos os demais elementos que também obstaculizam nossa rotina escolar são levados ao bom termo das ações pensadas quando temos uma comunidade preparada para entender os desafios apresentados.

A necessária “distância” com o objeto de dissídio e a reflexão coletiva, tem demonstrado a possibilidade de reunir ações objetivas para o enfrentamento necessário. Nesse momento há riqueza de dados, que se apresentam para a tomada de consciência e orientação das ações que respondem objetivamente ao caso.

Esta tem sido os aspectos que tornam a formação de alunos-estagiários, do curso de Pedagogia, tão especiais na vida escolar. A possibilidade de “problematizar” a realidade persegue os formatos da capacitação que desejamos oferecer aos acadêmicos, por mais trabalhosa e desafiante que se opere o período de instrumentalização. Todos são maravilhosamente “afetados”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo procuramos retratar as atividades desenvolvidas na disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Formal e não Formal.

Verificamos que mesmo as atividades se descrevendo por uma pauta “prática”, há relevância de um tempo teórico à disciplina para a devida “tomada de consciência” dos estagiários frente ao universo escolar observado e requerido.

O estudo ainda demonstra as relevâncias do espaço de formação operacionalizado tanto pelos alunos-estagiários que retomam o acúmulo de seus estudos ulteriores no próprio curso, quanto a relevância de levar à unidade de ensino os pesquisadores-acadêmicos para o livre trânsito entre seus estudos com os sujeitos que muitas vezes são o próprio objeto desses. Apoiamos o enriquecimento das relações extensionistas da universidade com a comunidade escolar da educação básica no bloco de atividades previstas para a disciplina de Estágio Supervisionado.



## REFERÊNCIAS

FERNANDES, Florestan. *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*. 3 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.